

Defendemos que uma teoria a respeito da categoria lugar deve ser compreendida numa dimensão relacional, quer dizer, na medida em que este conceito é entendido como ponto de encontro de redes de conexões sociais, movimentos e comunicações; ou ainda numa noção um pouco mais complexa, que teoriza que o espaço só pode ser entendido enquanto rede, em que um local só se torna lugar na medida em que é colocado em relações de similaridades ou distinções com locais situados em outros tempos ou espaços (FERREIRA, 2003). No Congado esta se torna uma afirmação importante, pois seus festejos trazerem recorrentemente à tona as memórias de espaços-tempo do continente africano e do cativo durante o período colonial no Brasil.

As teorizações de Pollak (1989) se interceptam, em certa maneira, neste caminho de proposições. Para o autor, a memória coletiva possuiria a função de avigorar os sentimentos de pertencimento de grupos e delinear as fronteiras entre coletividades. Em sua concepção, a alusão ao passado desempenharia o papel de sustentar a coesão das coletividades e das instituições que constituem uma sociedade, definindo seu lugar cabido, suas conexões, bem como seus conflitos. É o que o autor chama de memórias enquadradas, que teria por função “produzir” uma memória da maneira que melhor se adequasse para manutenção da identidade, discursos e princípios justificadores da coerência e fronteiras de um grupo. O que chamamos aqui de produção de memória não se refere simplesmente à adulteração do passado, também não queremos fazer passar por perversos aqueles que readequam suas lembranças no processo de enquadramento de memória para melhor adequação de suas posições sociais. O que buscamos traçar aqui é a elasticidade que tem de possuir a memória para manter na hegemonia um grupo que a detém.

O enquadramento ao qual nos referimos não é aquele realizado por profissionais que necessitam dar coerências às suas pesquisas, como tanto alerta Pollak, mas o

enquadramento dado no cotidiano enquanto movimento necessário da manutenção das memórias. É necessário por vezes, segundo o autor, dar destaque na memória a eventos e acontecimentos que melhor beneficie um grupo no presente. O passado ganharia, assim, contornos distintos em determinados contextos, a memória selecionaria aquilo que pudesse de melhor maneira beneficiar seu “lebrante”, daí a escolha em situar um acontecimento passado como memória, esquecimento ou silêncio. A memória teria, assim, o poder de dar significações e sentidos aos lugares, uma vez que possui como herança as lembranças da formação e constituição dos lugares. Podemos situar também neste processo de enquadramento da memória um caráter educativo e pedagógico. Segundo Pollak (1989, p. 7-8) “há uma permanente interação entre o vivido e o apreendido, o vivido e o transmitido”. Seria a memória, em seu processo de “transferência” entre as gerações, uma dimensão de fundamental importância para a pedagogia da festa, questão que exploramos mais adiante.

Neste ponto de vista, podemos arriscar em dizer que o ato de festejar se torna de fato festa quando se apropria dos lugares. Uma vez que a festa só existe enquanto disputa pelas significações que dão coerências e sentido em festejar para e sobre algo, e como muito bem define Ferreira (2003, p. 12), “a batalha retórica pela definição da festa só torna, na verdade, um afrontamento, ou seja, uma festa, quando a tensão se espacializa.”

De fato, o que ocorre em São José do Triunfo, é uma série de disputas e batalhas de discursos na busca da afirmação dos lugares dos distintos grupos e singularidades ali existentes. Além do Congado, há no distrito uma série de coletividades buscando afirmar discursivamente o espaço de símbolos pertencentes a seu grupo, existindo ainda os grupos externos a São José do Triunfo que oferecem certos riscos à coerência das significações conferidas aos objetos pelos participantes do Congado do distrito. Há, por exemplo, a

coexistência de Igrejas de culto protestante no distrito. A casa de Seu Dola, local onde ocorre uma série de eventos da festa, é dividida da Igreja Assembléia de Deus por apenas um muro. Nos relatos coletados em campo há falas que expressam o caráter de tensionamento ocorrido entre o grupo de congadeiros e esta igreja:

A divisa entre a casa de Seu Dola e a Igreja Assembléia de Deus é feita somente por um muro. Questionei se no dia da Festa a Igreja... E antes de eu terminar de elaborar a pergunta eles já se adiantaram em responder que “Não! A Igreja não se envolve com nada, eles até param para olhar, mas não cobiçam nada. Eles não amola nós nem nós amola eles.”

Questionei então se os cultos eram nos mesmos horários habituais no dia da Festa. Seu Zeca foi quem explicou: “Quando saímos com a alvorada ainda não tem culto, quando voltamos, sete, oito horas... eles param o culto e vêm ver nós.”

No dia doze pra treze também não tem problemas. Começa em outro horário, não atrapalha não, porque se atrapalhasse nós compunha com eis, né?” Questionei o que era compunha, Seu Zeca disse que “era assim, tomo tudo pertinho ali, se eles atrapalhasse nós, nós chamava eles pra fazer uma concórdia com eis, propô para eis, né? Pra que es mudasse a hora daques trabaio deis ou baixasse aqueles trabaio deis, pra nós não ficar prejudicado e eis também não. Por quê? O nosso é espaçoso, é hoje e as vez passa é quatro, é cinco, é seis mês... Eis tem todo dia. Então, eis pode pará hoje e amanhã eis pode fazê; o nosso é hoje, amanhã nós num vâmo fazer. Então nós compactua com eis assim: Eis fazesse mais cedo ou então mais silencioso, né? Pra gente fazer o movimento da gente mais sossegado. Mas então num atrapaia e a gente deixa assim mesmo do jeito que tá. Eis num vem atrapaia nós e nós também num vai atrapaia eis, então... Agora, se atrapalhasse, nós ia ter que fazer com eis, concordar com eis, propor uma concorda com eis.” (Diário de Campo, 27/06/2007)

Conversei com um pastor da Assembléia de Deus, Igreja vizinha a casa de Seu Zeca. Questionei sobre a relação da Festa, que é da Igreja Católica, com sua religião. O pastor disse não haver o mínimo atrito e que a expressão religiosa é um direito assegurado pela constituição. Disse ser a Festa mais uma forma de buscar Deus, embora sua Igreja não seja favorável à utilização de imagens e a adoração de santos, além da bíblia condenar tais práticas. (Diário de Campo, 15/10/2006)

Entre a Igreja Católica e o grupo de Congado também é possível perceber certas dicotomias. Como na cena abaixo relatada. Ao proferir dizeres que vão em sentido contrário às reivindicações da Irmandade, que em suas músicas entoia cantos que expressam o descontentamento com os eventos da colonização, o caráter de tensionamento é mais uma vez expresso. Nos relatos das metodologia utilizadas em campo, há falas que sugerem tais questões:

Na hora das preces um fato interessante. A celebração parecia atender às determinações dos folhetos da Igreja para cada dia do ano (leitura e evangelho escolhidos e dizeres das preces). A leitura e o evangelho não possuíam nenhuma coerência com a festividade celebrada, estes momentos soaram mesmo como frios, por tratar de assuntos que em nada remetiam ao evento festivo. As preces, porém, não simplesmente possuíam “coerência” com o momento; embora parecesse que sem planejamento específico para o evento, estas faziam referência à expansão do cristianismo pelo mundo.

Numa mistura entre linguagem poética e de texto informativo, de maneira bem pouco comum nas missas que já presenciei, as preces utilizavam-se de metáforas e dados estatísticos para descrever e fazer constatações de como o cristianismo avança ao longo da história pelo planeta.

A primeira fala iniciou dizendo que quando no Brasil o sol se põe ele nasce na Austrália. A partir daí se apresentou alguns dados que revelam a situação dos cristãos na Oceania e pediu-se que rezássemos por estes povos. Em seguida, falou-se do continente asiático; disseram qualquer coisa sobre o sol e pediu-se que rezássemos de modo especial pelos asiáticos em função deste continente abrigar a maior parcela da população mundial e em detrimento a menor percentagem de cristãos no mundo em relação aos números absolutos da população. Pediu-se também que rezássemos pelo continente africano, ainda pouco cristão. Ao falar da Europa solicitaram que recordássemos com gratidão daqueles que trouxeram para nós a palavra de Cristo, “aqueles que nos evangelizaram”. Falaram ainda sobre a América, onde o cristianismo é bastante difundido.

Quanto às ameaças externas ao grupo, a derrubada das Igrejas no centro da cidade em meados do século passado é indicativa da questão. O que os indícios apontam é que a Festa de Nossa Senhora do Rosário chegou ao distrito num deslocamento gerado por batalhas discursivas ocorridas na área central do município ao qual São José do Triunfo faz parte. Segundo os guardiões da memória, a festa antes de ocorrer no Fundão já acontecia em toda a região, inclusive em Viçosa, onde era organizada por seus avós. O que supomos é que a festa tenha “perdido” na área central de Viçosa a batalha retórica pelo lugar. Os indícios são a troca do nome da Igreja Matriz e de algumas das Igrejas comunitárias da cidade, que perderam o nome de Nossa Senhora do Rosário, como é o caso da igreja situada no Bairro de Fátima que hoje é denominada Igreja Nossa Senhora de Fátima do Rosário, e de uma das praças centrais da cidade de Viçosa, que hoje possui o nome de Praça do Rosário em função de uma Igreja que existiu naquele local até o início da década

de 1960. Nos registros feitos em entrevistas há situações que corroboram com estas questões:

Seu Dola disse a ela [Dona Maria do Nascimento, sua irmã] que eu comentei da Igreja do Rosário derrubada em Viçosa, que ela deveria lembrar, já que carregou muita bandeira na cidade. Ela disse lembrar, mas não deu muita atenção, falou mais da Rua Seca (hoje Morro do Pintinho). Seu Zeca e Seu Dola disseram lembrar de terem ido à Igreja derrubada, durante a missa de sétimo dia de Virgílio (?). “É uma boa lembrança essa!”. Conclui Seu Dola. (Diário de Campo, 27/06/2007)

A Rainha Conga era quem explicitamente comandava a fala, era ela quem dava rumo para a conversa, embora Eliana tentasse sempre acompanhá-la e fazer comentários em torno de suas falas.

Quando falaram no nome de Zé Felipe, começaram a falar dos convites que este fazia para que as pessoas fossem até Viçosa assistir o Congado. Neste momento começaram a falar da Igreja do Rosário que existiu em Viçosa, “e era uma Igreja pettinha do Rosário na Pracinha do Rosário”. Eliana disse isto com tanta segurança que deu impressão de que ela havia conhecido a Igreja antes de ser derrubada, o que era improvável por sua idade, então questionei se ela havia conhecido a Igreja, ela respondeu com um ar de que não fazia a menor diferença ter visto ou não a Igreja para que esta estivesse em sua memória: “ – Não, o povo é que conta.” Dona Maria falou mais sobre a Igreja: “ – É, era uma Igreja pequenininha, feita de ripa. Lá tinha Santa Efigênia, São Benedito e a Senhora do Rosário”.

Questionei sobre o motivo da derrubada da Igreja, Dona Maria disse que foi em função da construção da pracinha, por vontade do prefeito. Perguntei sobre o posicionamento do padre, Dona Maria respondeu que:

“Para deixar Viçosa mais bonita, né meu filho?! Pra deixar Viçosa mais bonita desmanchou a Igreja. Agora, cadê os santos que desapareceu também? Os santos desapareceu, porque Santa Efigênia e São Benedito você não sabe onde é que está. É preto, né!!! (risos dela). O Senhor dos Passos fica lá na Igreja dos Passos. A Nossa Senhora do Rosário diz que tá lá na Santa Clara, quem falou comigo é uma moça que mora lá, mas eu não tenho certeza.”

Dona Regina questiona à Dona Maria sobre a Nossa Senhora do Rosário que existe na Igreja Matriz. Esta última diz saber da existência dela, mas diz que a outra era mais... Dona Regina é quem completa: “ – Preparada.” (Trecho das falas proferidas durante o Mapeamento Histórico em realização ao DRP. Diário de Campo).



Viçosa – 1965¹⁴

A fixação da Festa do Rosário no Fundão também não parece ter sido efetivada de forma muito tranqüila. De acordo com relatos dos guardiões da memória, embora a festa tenha se deslocado para o distrito em 1937, só recentemente este evento parece ter adquirido relações pacatas com a Igreja católica.

Embora a relação de tensionamento da Festa do Rosário com a Igreja Católica hoje aparente ser bem mais sutil, é importante fazer alguns apontamentos. São, de fato, visíveis as concessões feitas pela Igreja ao momento festivo. Ela permite, por exemplo, que, por vezes, haja a substituição do pároco local por um padre negro na celebração de missas durante a festa, que a banda de congo adentre no espaço sacro da nave da Igreja batucando seus tambores e que os participantes de maior hierarquia na festa ao fim da missa tenham direito a proferir seus dizeres, que em grande parte das vezes são enunciados em algo muito distante do português e muito mais próximo das línguas de origem africana. A relação apresenta, entretanto, uma série de atritos. Fica claro pela estruturação da missa que quem a dirige é a Igreja Católica, que concede, de acordo com sua permissão, voz ao grupo de congadeiros. A recíproca também se dá nesta dimensão. Embora o grupo de

¹⁴ Fonte: BORGES, José Marcondes; SABIONE, Gustavo Soares. Primeiros Tempos da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa: Ed. UFV, 2006. p.69.

Congado professe claramente suas filiações cristãs, a missa é tomada de momentos que parecem se distanciar disso. As falas proferidas ao fim da missa por Seu Zeca e Seu Dola caracterizam muito bem este fato, eles tiram totalmente o domínio da Igreja no momento em que começam a falar numa outra língua e num ritmo e tom que se aproxima significativamente de outras formas de culto religioso.

Uma noção importante para o entendimento do sentido de lugar festivo é a compreensão de que a dimensão do lugar emerge a partir do seu reconhecimento de suas singularidades ante outros espaços e pelas relações de similaridades com locais situados em outros tempos ou espaços. (FERREIRA, 2003). As falas de Seu Zeca e Seu Dola e outro antigo participante da festa, Juquita, mais uma vez é o que sustenta nossas proposições neste sentido. Suas constantes defesas de que o Congado do Fundão possui singularidades que o torna diferenciado e numa posição distinta de *status* em relação a outros, são indicativos desta necessidade de construir o lugar da festa em São José do Triunfo a partir da comparação, negação ou afirmação de outros lugares, situados em outros tempos e espaços. Em entrevista

Juquita disse que o Congado atualmente existe por toda a região: em Cachoeirinha, São Miguel, Paula Cândido, sendo, porém, “o do Fundão mais organizado, o povo gosta mais do daqui.” (Diário de Campo, 12/09/2006)

Assim, para a caracterização do lugar da festa no Fundão, é necessário se reportar memorialmente aos distintos lugares por que passou a festa até chegar àquele espaço e aos novos lugares em que hoje se dispõem naquele local.

5.4 - Espaço, Festa e Pedagogização



O lugar pensado como espaço que aproxima paisagens e memórias, revela a festa como evento propício para análise das memórias coletivas em torno da paisagem e dos lugares. A festa com seu poder pedagogizante, por possuir certa regularidade temporal e um caráter ritualístico e de repetição, fixa na memória de seus sujeitos participantes e ensina aos novos integrantes do grupo seus valores e crenças, criando certas paisagens mentais e construindo a memória espacial do grupo a ela vinculado.

Este sentido de festa como pedagogia, quer dizer, como evento social que trabalha na manutenção da memória de acontecimentos histórico-culturais e de espaços, pode ser bem apreendido pela contribuição de Giacalone (1998). Esta autora defende a função educativa da festa como a de uma linguagem, em suas mais distintas formas: escrita, falada, corporal, musical, visual; capaz de renovar ou manter as práticas simbólicas dos grupos e de transmitir aos novos participantes da festa seus valores, crenças, informações e saberes. Neste ponto de vista, pode ser a função pedagógica da festa entendida como de transmissão cultural, de saberes e técnicas intergeracionais.

Em Foucault (2005), também se é possível apreender, em grande medida, este sentido pedagogizante da festa. É mesmo creditado a este autor esta noção da pedagogia como processo de formulação de poderes que geram hierarquias e processos de construção de saberes nos grupos. Embora não apareça em Foucault (2005) nenhuma especificação da relação entre a festa e as funções pedagógicas, não é difícil aproximação das teorias formuladas por este autor à realidade por nós analisada.

A função ou papel pedagógico em Foucault (2005) aparece em termos do adestramento, da regulação e da hierarquização, em suas proposições sobre as formas de poder disciplinar que rege nossas instituições e relações. Embora Foucault (2005) discuta sobre uma série de estabelecimentos sociais para teorizar sobre o poder disciplinar, como as oficinas e hospitais, é na escola que teríamos a maior aproximação com a pesquisa no que se refere ao papel pedagógico da disciplina. Muitos dispositivos criados pela escola para o aluno em termos de fiscalização do cumprimento de tarefas e padrões comportamentais gera um ambiente muito semelhante àquele que encontramos em muitas das festas populares. É comum nestas festas a hierarquização de membros sob a prerrogativa de que há distinções de saberes entre os participantes, num escalonamento de funções de acordo com os que possuem saber acumulado sobre o funcionamento da festa e seus percalços num determinado lugar, e que se faz necessário a diferenciação de tarefas entre seus participantes com a justificativa de dar melhor organização ao evento.

É comum encontrarmos nos espaços da festa do Congado figuras e poderes constituídos bastante similares ao do espaço da escola. As figuras dos fiscais ou encarregados de lembrar as normatizações da festa e de punir o descumprimento do que é instituído, são exemplos de figuras existentes nestes dois espaços. A fala de Foucault das formas de existência disso corrobora e elucida nossas indagações.

Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal. É beneficiado por uma espécie de privilégio de justiça, com suas leis próprias, seus delitos especificados, suas formas particulares de sanção, suas instâncias de julgamento. [...] Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, falta de zelo), da maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes 'incorretas', gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). (FOUCAULT, 2005, p. 149).

Foucault (2005) faz referências ao espaço ao desenvolver em seus trabalhos o sentido de pedagogização. O espaço pelo autor em termos do panoptismo, um espaço sob constante controle, na perspectiva da vigilância, por parte daquele de maior hierarquia dentro de um grupo ou de um grupo hegemônico dentro de espaços de variadas coletividades; o espaço é pensado, nesta medida, sob a ótica de relações de poder.

Assim, a percepção da pedagogia como ação intrínseca à festa e a tentativa de interpretação densa de seus significados é outra possibilidade de análise proporcionada pela investigação. São inúmeras as expressões desta dimensão educativa da festa em todo o Congado, quer seja no caráter ritualístico dos ensaios, que faz com que as ações da festa se repitam para e por seus participantes; quer na regulação, que tenta fazer e/ou manter hegemônico um discurso e um grupo em condição de poder; ou até nas tentativas de transmissão cultural, pelas relações intergeracionais.

A respeito das ritualizações da festa, que atuam como processo educativo, podemos apontar as orações às divindades constantes nos ensaios e encontros do grupo, os dizeres proferidos pelos de maior hierarquia e respondidos pelos demais, as músicas entoadas e os ritmos entoados nos batuques da banda, como ações que cumprem o papel de manter uma série de imagens, sons, aromas e sensações como pertencentes à festa. É como que um exercício de construção de *déjà vu*, é a edificação de sistemas educativos que alcançam sua eficácia pela garantia de internalização de valores, crenças, informações e saberes do grupo social pelo caráter de repetição do evento festivo.

Em termos de pedagogia como regulação podemos elencar uma série de instrumentos que o grupo lança mão para construção do respeito às hierarquias. A lista de frequências dos participantes nos ensaios é uma expressão muito clara disso, a burocratização deste processo na festa é feita com um caráter organizativo surpreendente. Há um detalhado fichário com a contagem de faltas dos membros do grupo, com o nome completo de todos os participantes e até a data de entrada e saída de todos os que participam ou já participaram do grupo. Há claro para todos a autoridade desta lista de presenças, que pode pelos seus indicadores causar o desligamento de membros do grupo. A existência de fiscais cumprindo a função de ordenar a fila e de posicionar todos os componentes no terno e chamar atenção dos mais dispersos na banda, é outra expressão da regulação de que tratamos. As orientações durante o ensaio sobre posturas a serem tomadas, sobre o cuidado com a vestimenta e com os horários no dia da festa, o ensaio de alguns dizeres a serem proferidos pelos de maior hierarquia na festa e respondidos pelos demais membros, corroboram ainda mais com nossas proposições.

As transmissões de saberes e ensinamentos entre gerações é outro traço pedagógico da festa. Há considerável percentual e constantes entradas de crianças no grupo e é grande a atenção dos mais velhos para com eles. Interessante também é a existência de funções desempenhadas especificamente por adolescentes e jovens, como as de secretário e vassalo mirim. As fotografias da página seguinte mostram adolescentes e crianças em festejo durante atividades do Congado.



Crianças participantes da banda de Congado durante a Festa do Rosário do ano de 2006.



Adolescente em momento de ensaio para a Festa do Rosário.

Durante o início das celebrações pela novena da festa do ano de 2007, foi possível presenciar uma cena que muito bem ilustra esta questão da transmissão de saberes e educação de novas gerações para a participação na Festa do Rosário e filiação à Irmandade de negros no distrito. A cena foi descrita no diário de campo e é reproduzida abaixo:

(...) No momento em que eu observada a banda cantando esta música chegou perto de mim um homem que aparentava ter por volta de trinta anos. Este, ao dirigir-me a palavra disse: *“Como é linda está coisa não é mesmo? Participar eu não participo, mas tudo que eu posso fazer para ajudar eles pela prefeitura eu faço, tava querendo até ver se eu fazia umas camisas pra eles este ano, mas não sei se vai dar.”* Até então este homem não tinha me dado chance de dizer nenhuma palavra, ele aparentava ser morador do distrito e ser bem próximo dos participantes da banda, também é negro e parece ter algum vínculo empregatício com a prefeitura. Resmunguei qualquer coisa concordando com a afirmação dele e ele prosseguiu: *“E você pensar que tem pessoas entre 77 e 3 anos na banda, é uma coisa linda, e estes meninos então... Tem dias que não é período de Festa e estes meninos saem na rua, uns quase vinte, batucando numas latas e passeando por estas ruas tudo, diz que tão fazendo Festa”*. Depois disso ele se despediu de mim e disse que tinha de ir a um lugar qualquer. (Diário de Campo, 05/10/2007).

Esta passagem é indicativa de como o processo de pedagogização é eficaz no processo de transmitir aos participantes mais jovens da banda os preceitos religiosos da Festa do Rosário e filosóficos da Irmandade. Mesmo em espaços em que não há o esforço de disciplinamento para a “formulação” de participantes do grupo, são asseguradas a constituição de sujeitos da maneira tal como “desejada” pelos guardiões da memória do Congado através de rituais. Mesmo longe da vigilância, há garantida a permanência

daquilo que se quis transmitir, comprovação maior da eficácia de um poder. Neste caso, são as brincadeiras infantis, momento de descontração e descompromisso de ações que fica expresso como ocorre a transmissão intergeracional de saberes e memórias - as crianças brincam o modo de fazer o Congado.

5.5 – Gênero e Etnia/Raça como dimensões de tensionamentos espaciais dos sujeitos e como marcadores socioespaciais da diferença.

Ainda no sentido de elucidar o entendimento que aqui se estabelece sobre os eventos festivos, faz-se necessário conceber o caráter de tensionamento e de disputa de poderes que sugerimos estarem presentes no evento das festas. Bandeira (1989) chama atenção para o fato das armadilhas do fascínio da explicação político-ideológica, em sua tentativa de considerar, essas participações em festejos e movimentos de populações negras, como sendo sempre conscientemente elaboradas e como atos de resistência. Torna-se necessário, pois, explicar melhor o sentido de tensionamento aqui adotado, para salientarmos que nosso entendimento sobre festa não descarta sua dimensão de divertimento e lazer.

Netto *et. al.* (1986) ajuda-nos a estabelecer uma conceituação de tensão, permitindo que coloquemos este termo em lugar e significado distinto das noções de conflito e competição. Por tensão ou tensionamento entendemos a batalha discursiva entre sujeitos que buscam estabelecer uma coerência para suas práticas, que só pode ser efetuada, obviamente, a partir do atrito ou choque com outros sujeitos. É, pois, um retesamento entre sujeitos ou grupos sociais - ou ainda entre sujeitos de um grupo - que se distingue do

conflito por possuir menor extensão que este, não supondo a total anteposição ou a oposição maniqueísta e a perversidade entre eles.

O tensionamento é, assim, uma constância na relação entre indivíduos, sendo mesmo condição para que estes se firmem enquanto sujeitos. A utilização desta instância de relação de poder não busca, desta maneira, super-dimensionar o caráter político da festa, excluindo todo o seu potencial de diversão, lazer; ou mesmo de seu deslocamento de uma ordem cotidiana; mas pretende inserir a festa numa condição de conceito que possibilita a apreensão das espacialidades étnico-raciais e de gênero, o que necessariamente envolve poder e tensão.

As dimensões de gênero e etnia/raça são aqui abordadas como marcadoras sociais da diferença, que se manifestam no espaço e que possuem os lugares e territórios como instrumentos de demarcação desta diferença. Há no espaço componentes que continuamente se reorganizam para que sujeitos marcados pelas dimensões de negritude e de feminilidade/masculinidade se constituam a partir de referenciais espaciais e balizem suas espacialidades.

Partilhamos com Butler (2003) a idéia de que os sujeitos nascem imersos numa sociedade onde estão definidos os significados de seus corpos, dentro de um mundo já culturalmente organizado. Desta maneira, um corpo, em distintos contextos espaço-temporais, é dotado de diferentes qualificações. Definições do corpo a partir de aspectos de gênero e elementos étnico-raciais são uma constância nestes contextos. Homens e mulheres são hierarquizados em distintas sociedades e grupos culturais, assumindo posturas de tensionamento quando do contato com sistemas simbólicos conflitantes.

Os discursos sobre gênero são produzidos a partir de diferença hierárquica entre os sexos, que consagra lugares diferentes para homens e mulheres dentro de um determinado

sistema social; essa hierarquização de corpos produz espaços e temporalidades distintas no que diz respeito ao mundo do trabalho, das relações econômicas, da produção de conhecimento e de tudo no que tange à estruturação da esfera social (BOURDIEU, 1995).

No que diz respeito à raça/etnia, como ressalta Rafestin (1993), são as tentativas de realçar pequenas variações fenóticas entre grupos que geram desigualdades. São tentativas constantes de marcar disparidades entre grupos étnico-raciais para justificar discursos relativos a uma superioridade de brancos em relação a negros ou outros grupos. Ainda segundo o autor, uma das dimensões desta qualificação da diferença étnico-racial, em termos de assimetria, tem como uma de suas fortes expressões a discriminação espacial, que relega a grupos subjugados partes segregadas do espaço.

Quer-se dizer com isto que o corpo nunca é algo pronto, mas sempre uma contingência apta a ser reconstruída pelas fissuras da história. São, pois, as práticas discursivas que, em contextos diversos, dão sentido às significações e abrem, para os corpos humanos, o campo de possibilidades das formas que eles podem assumir e das transgressões que podem realizar. Acompanhando este processo, o espaço se (re)configura e se (re)constrói nestas transformações que sofrem os sujeitos, como realidade não natural e não essencialista.

Como já exposto na citação de Pollak (1992, p. 05), são intrinsecamente relacionadas as dimensões memoriais e identitárias na constituição dos sujeitos, enquanto supostos construídos a partir da relação entre indivíduos e grupos, das negociações necessárias à organização das memórias que dão coerência às trajetórias de vida e da edificação das imagens de si. O que observamos em São José do Triunfo caminhou em encontro a estas indicações de Pollak, memórias e identidades estavam sempre estreitamente relacionadas.



Celebração da Festa do Rosário durante o ano de 2007

As identidades étnico-raciais

As identidades de gênero e étnico-raciais revelaram-nos que não havia outros caminhos a seguir para entender a coerência nas identidades dos sujeitos do grupo a não ser a partir das memórias partilhadas pela Irmandade. Um dos fundamentos da existência desta instituição é, certamente, sua memória de cativo e de resistência às mais diversas etapas da escravidão e subjugação de povos negros na história de nosso país. Identitariamente o grupo com que trabalhamos só pode ser pensado enquanto conexão a partir do asseguramento de suas histórias comuns ocorridas em outros espaço-tempos, já que os indivíduos que compõe a Irmandade já são atravessados por diversas outras influências; que apesar de não destruir suas ligações comunitárias com a Irmandade, já os liga a uma série de outros grupos que pouco ou nenhuma relação direta têm com a questão racial. Existem componentes da Irmandade, por exemplo, em meios científicos ou em movimentos artísticos fora do distrito, mas que ainda ligam-se à comunidade pelos supostos já aqui apontados.

As identidades étnico-raciais se constroem, pois, a partir da concordância entre os membros do grupo de especificidades que possuem diante das outras comunidades que compõem a sociedade. Pudemos constatar que o grupo se enxerga enquanto singularidade a partir de suas particularidades ante as demais etnias existentes no Brasil, ante aos povos de histórias distintas que conformam a cidade de Viçosa e no distrito de São José do Triunfo e pelas expressões culturais que os dão *status* político diferenciado religiosamente. Neste aspecto, as falas dos membros do grupo buscam sempre salientar o que lhes é específico, sugerindo uma estratégia, que é de manter sua união, isto tanto em termos da diferenciação em relação às demais etnias quanto em relação àquelas de orientação comum, mas que formam grupos distintos. A fala seguinte dos guardiões da memória dimensiona um pouco a questão:

Era constante também nas falas de Seu Zeca e Seu Dola a defesa das singularidades da Festa do Rosário no Fundão: *“É o Congado diferente em cada lugar; ritmos, vestimentas... A diferença que tem de um pra outro é a dança (jogo de pé), instrumentos (tambores, caixas), batida, cantoria, fardas”. Nosso Congado é religião, se só tem festa nós não estamos. Nosso Congado é uma irmandade e não uma associação. Associação, como a capoeira, tem patrocínio, nós não.*” (Diário de Campo, 12/09/2006).

É comum o grupo indicar também os desmembramentos por ele sofridos em seus percalços, o que levou a origem de outros segmentos. A festa que antigamente acontecia junto à comunidade de Cachoeirinha hoje é desmembrada. A fala abaixo busca mais uma vez mostrar a tentativa de asseguarção de elementos que dão especificidades para o grupo:

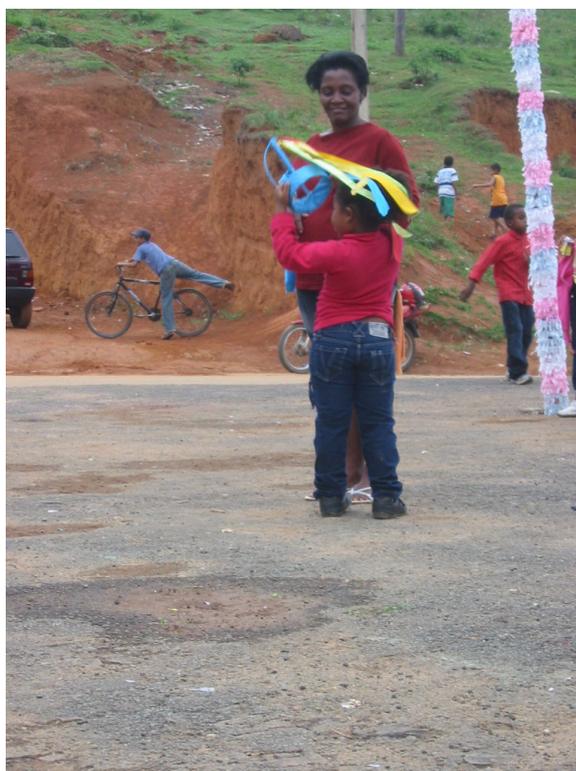
Juquita disse que o Congado atualmente existe por toda a região: em Cachoeirinha, São Miguel, Paula Cândido, sendo, porém, que *“o do Fundão é mais organizado, o povo gosta mais do daqui.*” (Diário de Campo, 12/09/2006).

A construção deste sentimento de especificidade dos elementos que dão singularidade ao Congado de São José do Triunfo e, portanto, atuam na construção da identidade da Irmandade de negros do distrito, é formulada em grande medida pelo processo educativo realizado através das ferramentas ritualísticas da Festa do Rosário. São

as músicas, por exemplo, que a todo o momento vêm relembrar a história do grupo, sua memória de cativo e de resistência. É o encontro anual em função da festa que traz membros da Irmandade, que por hora moram a muitos quilômetros de distância do distrito, e em apenas dois ou três dias de manifestação revigora e atuam na manutenção nestes membros de seus sentimentos de pertencimento a um grupo e a um lugar.

Podemos, então, afirmar que o principal elemento assegurador das identidades étnico-raciais da população negra de São José do Triunfo é a Festa de Nossa Senhora Rosário. E como já dito, não só numa perspectiva de manter a memória desta população situadas em tempos e espaços distantes, mas também na readequação e realização de novos arranjos aos percalços que o grupo passa em diferentes momentos e lugares.

As identidades de gênero



A periferia, como se faz acreditar, não é um espaço uno que constitui a parte fora das centralidades; a periferia é também formuladora de espaços fragmentados, e neste inter-jogo de territorialidades pode-se ter centralidade na periferia. Estamos falando dos lugares ocupados pelas mulheres dentro do Congado, sujeito marginalizado dentro de espaços de marginalização, no caso, uma Irmandade de negros.

Uma análise que não consiga buscar estruturas mesmo dentro do que não é visível é certamente limitada. Estabelecer a inexistência das mulheres no Congado partindo unicamente dos pressupostos visíveis é uma limitação. Não estar paisagisticamente inserido não significa não ser, ainda que invisivelmente, um sujeito e um agente produtor e transformador da realidade. Faz-se necessário, desta maneira, estabelecer os “papéis” das mulheres dentro da estrutura do Congado.

Na engrenagem que dá dinâmica à grande estrutura que é a Festa do Rosário, as mulheres atuam como grande motor que permite a continuidade do evento festivo como articulador das sociabilidades da Irmandade de Negros de São José do Triunfo. Elas, mais que cumprindo apenas serviços braçais na complexa e necessária divisão de tarefas para realização da festa, atuam também como mentoras intelectuais do processo. Se há guardiões da memória homens, certamente também há uma hierarquia de saberes constituído entre as mulheres. As mais antigas são ocupantes de um importante cargo da festa, fazendo parte do grupo seleta capaz de compreender e explicar como os diversos elementos da Festa do Rosário formam uma totalidade que constituem o Congado como um espaço de lutas para produzir sua visibilidade cultural e política. As mulheres compreendem este processo não simplesmente porque o observam, mas porque dele participam, mesmo que de forma não visível em grande parte das vezes.

É a mulher responsável, por exemplo, por grande parte da arquitetura da festa. Eliana, filha de Seu Zeca, que praticamente não aparece nos festejos públicos do Congado, é a responsável por todo o planejamento das missas da festa, inclusive da ornamentação da Igreja. Pudemos notar também na festa do ano 2007, que embora seja o Rei Festeiro a figura de maior hierarquia na festa, com exceção obviamente do Reinado Permanente, é, geralmente, a esposa deste festeiro quem organiza toda sua majestade; ela administra e planeja o almoço por ele oferecido, decide qual será a fanfarra participante da festa e viaja a outras cidades para contratar os músicos que são de responsabilidade do Rei.

Outro fato que corrobora esta nossa colocação é o fato de os atuais guardiões da memória por diversas vezes remeteram a determinadas mulheres como sendo as grandes contadoras das histórias que hoje eles conhecem sobre o Congado e a Irmandade. Suas primas e irmãs recorrentemente aparecem em suas narrativas como sendo a origem de suas memórias da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Os dados acima expostos mostram, pois, como a festa é efetivada nos inúmeros tensionamentos entre os diversos sujeitos que constroem a realidade espaço-temporal do distrito de São José do Triunfo. É no confronto entre a Igreja Católica e a religião afro, as masculinidades e feminilidades, homens e mulheres, idosos e o jovens, negros e o não negros, que a festa se engendra e cria um estrutura que permite sua permanência e continuidade; dando longevidade às lutas políticas e dos supostos culturais dos povos negros através das permanências espaciais daquilo que ocorre nos diversos eventos temporais.

As identidades de gênero que conseguimos identificar estiveram amplamente relacionadas às trajetórias de vida dos membros do grupo. Porém, quando questionados quanto às razões da presença exclusiva de homens na banda de Congado, as respostas tanto

de homens quanto de mulheres remetiam à popularmente conhecida *síndrome de Chicó*, a nós apresentada por Ariano Suassuna: “*Não sei, só sei que foi assim*”. As respostas, embora por vezes até apresentassem um tom de insatisfação, sobretudo por parte de mulheres que declararam que gostariam de participar “ativamente” da banda; em sua maioria davam a entender que os participantes não sabiam dizer o porquê da exclusividade de homens no grupo, já que estes remetiam ao passado dizendo que a banda sempre houvera sido daquele jeito e que não havia sentido modificar o que sempre fora daquela forma.

As fotografias abaixo mostram mulheres em espaços da festa tidos como periféricos.



Meninas assistem ao ensaio de parentes e amigos homens.



Mulheres preparam o almoço da festa

A construção e a afirmação das identidades de gênero, expressa em termos da identificação dos participantes do grupo ou mesmo da atribuição a objetos e espaços do Congado em torno de elementos do feminino e do masculino, foram observados em todos os momentos de acompanhamento da festa e dos eventos preparatórios desta. As hierarquias geradas entre sujeitos celebrantes e entre os objetos e lugares celebrados guiaram nosso olhar a partir da perspectiva de gênero.

A Festa do Rosário em São José do Triunfo é um evento majoritariamente masculino em seus aspectos visíveis. A presença exclusiva de homens na banda e nos espaços mais públicos das celebrações é indicativa desta questão. As transcrições de cenas do diário de campo apresentam mais a respeito desta idéia:

Nos fundos da casa se reunia também um grande número de pessoas, das quais grande parte eram mulheres envolvidas na feitura do café para momentos posteriores da festa. (Diário de campo, Festa de 12 pra 13, 12/05/2007)

Perguntei se todas iam a alvorada, Dona Maria respondeu que: “ – *Nóis é os primeiro, a festa é nossa, uai.*” Daí Dona Ana e Dona Regina, falam por si. Disseram elas que passam toda noite acordadas com os preparativos da festa e que só vão dormir quando a alvorada já está saindo. Eliana diz querer dormir um pouquinho neste momento para não ficar com a cara muito feia, mas que não deixa de participar pelo menos um pouco. (Diário de campo, Diagnóstico Rápido Participativo - Mapeamento com Mulheres)

No início da alvorada o número de congadeiros e de acompanhantes da Festa ainda era bastante reduzido. A presença aí era sobretudo de mulheres, que como em nenhum outro momento anterior da Festa dançaram com tanta evidência. Os passos eram bastante extravagantes, com grandes deslocamentos em torno da banda e com muito riso. Não havia nenhuma criança e nenhum fiscal no início da alvorada. (Diário de campo, Alvorada da Festa do Rosário, 14/10/07)

Momentos antes da Festa acabei por ficar junto a várias mulheres da família de Seu Dola. Num momento em que me encontrava junto à Cláudia (nora de Seu Dola) e mais uma moça, também da família, elas comentavam sobre a “*mancada*” que deram próximo ao fiscal da banda ao dizerem que quem faz a alvorada na verdade são as mulheres, pois nesta hora os homens já estão cansados e são elas que sustentam o evento. Cláudia disse que iria à Festa de Airões só para poder dançar na banda, que é mista. Conteí então sobre a “banda de Dalva”, elas disseram ter achado muito bacana a idéia de uma banda de mulheres. Quando conteí que lá os homens é que desempenhavam as funções de cozinheiros da Festa elas acharam extraordinário. Elas contaram já ter ouvido falar de bandas de mulheres. Questionaram entre si se daria certo a criação de uma banda com esta composição em São José do Triunfo, uma respondeu que não tinha certeza se daria certo, mas que desconfiava que sim, por serem as mulheres mais organizadas, com mais compromisso e menos envergonhadas para apresentações em público. (Diário de campo, Recesso da Festa do Rosário, 14/10/07)

Estas transcrições revelam em grande medida a maneira como se dá a educação de sujeitos em relação às questões de gênero no Congado. As mulheres, pelo exposto, aparentam ter memórias das festas distintas das dos homens. As paisagens por ela lembradas nem sempre estão relacionadas aos espaços públicos, já que os espaços por elas ocupados durante as festas muitas vezes são as cozinhas, os interiores de igrejas e os cômodos de costuras. Em suas falas, ficam também expressas suas formas de vivenciar a

publicidade da festa, qual seja, ocupando as periferias dos eventos festivos; quando o homem não está presente, é a mulher que preenche as lacunas, como nas alvoradas, passagem decorrida numa das cenas acima descritas. As “transgressões” por elas efetuadas, também descrita na última das cenas acima, expressam dimensão das formas de publicidade que ganham as mulheres nos eventos da Festa do Rosário.

As identidades de gênero, assim como todas as outras, visivelmente se dão a partir das relações entre sujeitos que se antepõe. Masculinidades e feminilidades se tensionam a todo momento nos festejos do Congado, seja entre homens e mulheres, seja entre objetos revestidos de significados por homens e mulheres. O espaço da rua, por exemplo, não é destituído de significados de gênero, ele representa um segmento específico deste tipo de relação. Há na celebração da Festa do Rosário um esforço perceptível de masculinizar este espaço, assim como há um esforço antagônico de dar características femininas aos espaços periféricos da festa, como cozinhas. E como comum nestas tentativas de qualificar objetos e ações com supostos de gênero, as classificações são também acompanhadas de hierarquizações. Além dos sujeitos, espaços e objetos são escalonados.

Quer-se dizer com isto, que na Festa do Rosário e em todos os festejos do Congado há eventos passíveis de serem analisados a partir da perspectiva de gênero, pois, como propõe Scott (1990), em toda a realidade estes elementos da masculinidade e da feminilidade estão constituídos para formatar as relações entre coisas existentes. Com isto não se quer dizer, entretanto, que não haja especificidades nas relações de gênero na Festa do Rosário de São José do Triunfo. Embora as relações ali estabelecidas estejam filiadas a um contexto que pode gerar algumas noções preliminares, já que é um contexto de relações de gênero herdeiras de uma realidade rural, o histórico da Irmandade e, sobretudo, dos

papéis específicos que desempenharam os homens e mulheres nesta Irmandade revelam especificidades que merecem atenção especial.

As identidades territoriais

A festa além de educar seus membros para a participação no evento cria paisagens que os participantes do grupo de Congado associam como pertencentes à Festa do Rosário. Pudemos em nossas investigações notar objetos presentes na espacialidade do distrito que durante o período não festivo acabam por revelar e remeter ao Congado. Algumas casas visitadas durante a festa, buracos feitos no pátio da Igreja para realização do levantamento do mastro e velados apenas com pedras durante os momentos de missas comuns no ano, são ilustrativos do exposto. Assim, é criada uma identidade territorial a partir dos usos e apropriações dos lugares do Distrito, expressos nos símbolos que nele se espacializam, o que atua também numa educação permanente dos sujeitos, pois não é somente durante a festa que ocorre a pedagogização. É como se houvesse uma ritualização permanente, tudo é constantemente celebrado, a disciplinarização espacial é diariamente efetuada. Os objetos que se estendem pelo espaço geram ações que reiteram significações aos objetos, a dialética do espaço se confirma no movimento da vida, onde se expressam identidades territorializantes e territorializadas.

A forma de constituição do distrito também remete à construção de identidades territoriais. É nítida sua separação em duas partes: uma de existência mais antiga, conhecida como as terras de São José; e aquelas de povoamento mais recentes, por onde o distrito tem hoje se expandido. As terras do Santo, assim chamadas por serem terras doadas pela Igreja, cujo padroeiro no distrito é São José, são as terras onde a festa ocorre desde seu

início naquele lugar. As terras dos fazendeiros são aquelas que só nas décadas recentes começaram a ser povoadas em função de loteamentos realizados por seus donos. A transcrição de fragmentos do diário relatam a respeito:

Quando passamos próximo ao córrego, Seu Zeca chamou atenção para este ponto como demarcação do início das terras do Santo. Estas terras pertencentes à Igreja foram cedidas, através de um recibo, mas não de escritura, para que as pessoas construíssem. “Agora Dom Luciano autorizou que fossem dadas as escrituras das terras para quem já possui construções no local.” “Dom Luciano foi muito bom pro povo”. (Seu Zeca)

Seu Zeca retornou à questão da divisão de terras. Segundo ele, “no princípio o distrito não evoluía” em função dos terrenos pertencerem a fazendeiros, que não estavam dispostos nem a vender nem a doar terras, o que não permitia o crescimento do Fundão. Só com a venda de lotes pelos herdeiros dos fazendeiros é que o distrito começou a crescer.

Eles apontam que no passado todo o espaço, que por ora estávamos percorrendo, já foi um matagal e lavouras de café.

Questionei se apesar deles não terem sido os primeiros moradores daquele local eles estiveram presentes desde o início do adensamento de povoamento. Seu Zeca respondeu que desde o início o movimento deles era ali, que as vendas onde se fazia compra se localizavam ali, que o trajeto que se percorria para ir para o trabalho e para a cidade passava por ali, assim como as missas, as rezas e os estudos, “tudo era aqui”. Seu Zeca conclui: “Eu não troco aqui por uma casa na cidade, porque eu gosto demais daqui.” (Diário de Campo, 27/06/2007)

É o crescimento do distrito rumo às “terras dos fazendeiros” que faz com que o distrito se dinamize mais fortemente na atualidade em termos do crescimento de dinâmicas sociais. Como relatam os guardiões da memória, hoje, embora ainda quase todos os moradores se conheçam, muitas pessoas não se cumprimentam. Cresce também o número de pessoas de outras etnias e de outras formas de sociabilidade. Por diversas vezes é possível notar na fala dos guardiões da memória o reclame quanto à sensível perda de centralidade da Festa do Rosário no distrito. O trecho do diário é elucidativo:

Ao andarmos por um espaço em que não diziam muito sobre o Congado, surgiu o assunto de um batizado. Seu Zeca começou então a falar das mudanças no Fundão. Segundo ele, se antigamente tinha um batizado ali, todo mundo se reunia nele, não havia mais nenhum outro evento no Fundão. “Batizado e casamento hoje tem todo dia, agora é diferente, várias coisas acontecem ao mesmo momento, é muita gente. Se se fazia um tutu era coisa diferente e todo mundo se reunia em volta daquilo, hoje isso tem em todo lugar, em todos os eventos. Missa, hoje tem no Fundão, na Cachoeirinha, no Buieíé.” João faz então observações em torno das mudanças das formas das casa no Fundão que, segundo ele, antigamente eram de sapê.

“Êta ferro! Isto aqui tudo era roça rapaz!” (Diário de Campo, 27/06/2007)

O cartaz abaixo faz propaganda de um encontro de som automotivo ocorrido nas proximidades do distrito em data coincidente com a Festa do Rosário.



Cartaz fotografado durante a Festa do Rosário do ano de 2007

Outro traço das identidades territoriais colocados em relevo pela festa, diz respeito às toponímias do distrito. Embora a maior parte das ruas do distrito sejam conhecidas pelos moradores em função da moradia de uma pessoa de grande poderio de sociabilidade ou de grande tempo de moradia naquela localidade, se reconhecer na nomenclatura oficial do distrito dá aos “guardiões” um sentimento de pertencimento e de domínio de determinados lugares. As falas abaixo, proferidas durante a Caminhada Transversal, técnica do DRP, expressa este aspecto:

“Essa aqui é a Rua Aláfia Bernadino, viu?!” Todos riram com a exclamação de João; é a rua com nome de sua mãe. A Alvorada passa pela rua.

Apontaram em seguida pra outra rua desenhada no mapa, a Antônio Lopes de Almeida, “que vai para um caminho da roça”. Esta rua foi doação da mãe do antigo morador que dá nome a rua, que “é da família dos donos de todas estas terras aí para frente.” (Diário de Campo, 27/06/2007)

6 – A FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO NO ESPAÇO-TEMPO DE SÃO JOSÉ DO TRIUNFO

6.1 - A Festa do “12 pra 13”

O Congado possui eventos distribuídos, de forma não aleatória, durante todo o ano. O primeiro festejo a ocorrer no calendário do Congado é a Festa do 12 pra 13, evento que ocorre no mês de maio. Quando questionados sobre o sentido comemorativo deste dia, os integrantes do grupo respondem que a intenção é festejar em torno da figura da Princesa Isabel, como marco da abolição da escravatura. Avançando um pouco nas conversas o grupo revela que nesta data também é comemorado o dia de São Benedito. É ressaltado ainda pelos membros da Irmandade que esta celebração, juntamente com a Festa do Rosário, constitui os acontecimentos mais importantes do Congado.

Neste evento, os participantes da festa pertencentes ou não ao grupo, reúnem-se na casa de Seu Zeca para realização de uma ladainha, momento de reunião em torno de um altar composto por velas, flores, incensos, orações e bandeiras com a figura de Nossa Senhora do Rosário, um panfleto de Nossa Senhora de Aparecida e as imagens de Rainha Isabel, Santa Efigênia e São Benedito. O grupo de congadeiros entoia músicas da Irmandade e reza orações católicas. A festividade acontece na passagem do dia doze para treze e é realizada com a presença de um grande número de pessoas não pertencentes ao grupo, mas moradoras do Distrito, que buscam de alguma forma participar do evento social. É servido um café bastante farto durante esta jornada a todos que quiserem estar próximo da ladainha.

Além deste momento, nesta festividade a banda de Congado se forma e entoia algumas músicas no espaço da rua próximo a casa deste último guardião. O festejo

começa, então, com a ladainha, inclui momentos de manifestação do grupo no espaço em frente à Casa de Seu Zeca, faz uma parada para o café e após a ida do grupo até a Igreja, onde a Irmandade não chega a entrar mas entoa cantorias em seu pátio, o grupo retorna até a casa de Seu Zeca onde o evento é encerrado. A festa, no sentido estrito, inicia-se por volta das vinte horas e se estende até por volta das duas horas da madrugada.

6.2 - Os Ensaios

A próxima reunião do grupo de Congado para festejos se dá nas proximidades da Festa do Rosário. Os ensaios são momentos de preparação da festa que começam a ocorrer geralmente dois ou três meses antes da “grande festa”. No ano de 2007 foram programados quatro ensaios, mas foram realizados apenas três em função do falecimento da irmã da Rainha Conga. A banda optou por não realizar todos os ensaios, já que como salientaram os congadeiros, embora a festa deles seja um momento religioso, ela dá uma sensação e impressão de alegria que não é interessante para momentos como aquele. Os ensaios neste ano de 2008 ocorreram nos meses de julho, agosto e setembro.

Os ensaios são realizados na casa de Seu Zeca, geralmente nos domingos às quatorze horas. Neste espaço o grupo se reúne para ensaiar as músicas e danças que serão entoadas e realizadas na festa, bem como para decidir detalhes para o acontecimento desta. Os ensaios geralmente têm duração de três horas e neles estão presentes, além dos tocadores de instrumentos na banda, o Rei e a Rainha Conga, o Capitão da Banda, as portabandeiras e pessoas que sempre vão assistir aos ensaios, geralmente mães que acompanham seus filhos até o local e meninas parentes de integrantes da banda. A

fotografia abaixo dimensiona sobre a forma que ganham os ensaios para a Festa do Rosário.



Ensaio da Festa do Rosário durante o ano de 2006

Durante os ensaios os componentes da banda estão sempre à paisana¹⁵ e são sempre realizadas 'chamadas' com o intuito de registrar a presença dos congadeiros; aqueles que estiverem ausentes por vezes consecutivas são cortados do grupo. Na composição da banda são utilizados os seguintes instrumentos musicais: duas caixas (ou tambores), duas violas, dois chocalhos (ou Chancanhaques), uma cuíca e inúmeros pandeiros, já que este último é considerado um instrumento que exigiria pouca técnica para manuseio, sendo por isso o instrumento representativo daqueles que são iniciantes na banda.

Durante os ensaios são utilizados ainda um apito pelo Rei do Meio e sete bengalas: uma pelo Rei Congo, quatro pelos Vassalos e Secretários adultos e mirins e duas pelos bambas. Estas bengalas são substituídas por espadas no dia da festa.

¹⁵ Termo utilizado pelos congadeiros para designar os momentos de reunião da banda em que eles utilizam apenas do casquete como adereço que os identifica como membros da banda. Casquete é uma espécie de gorro branco confeccionado pelos próprios integrantes da banda, o termo que vem do francês é traduzido como boné.

No ensaio, a maior parte dos elementos constituintes da festa pode ser observada, mesmo que em escala reduzida. Os deslocamentos entre a casa de Seu Zeca e o espaço da rua próximo a esta são efetuados diversas vezes, onde o grupo pode fazer-se e refazer-se em inúmeras figuras espaciais, simulando as trajetórias entre os diversos lugares que são visitados durante a festa. A dimensão temporal é também amplamente explorada durante o ensaio, o que é percebido a partir das muitas músicas e embaixadas proferidas e apresentadas pelos guardiões da memória a fim de apresentar aspectos de outros tempos vividos pela irmandade expostos a partir destes “veículos”. As questões hierárquicas neste momento podem ser observadas na forma de estruturação do ensaio, visivelmente comandado pelos guardiões da memória e caracterizado pela invisibilidade da mulher, já que ela é colocada em lugar periférico às atividades da banda, só restando-a assistir às performances dos homens e quando muito atuar como porta-bandeiras.

6.3 – A Festa do Rosário

Na seqüência da apresentação da estrutura, teríamos o grande momento festivo do Congado durante o ano que é a Festa do Rosário propriamente dita, que ocorre a partir da primeira sexta-feira do mês de outubro com o início da novena, tendo seu ápice na festa propriamente dita, que ocorre no segundo final de semana deste mesmo mês. A fotografia da página seguinte mostra um dos momentos de festejo do Congado pelas ruas do distrito de São José do Triunfo.



Festa do Rosário 2006. No centro da fotografia, Seu Zeca, capitão da banda de Congado.

A novena

A novena, como todos os outros momentos iniciantes do evento festivo do Congado em São José do Triunfo principia na casa de Seu Zeca. Como dito, este evento tem seu início na primeira sexta-feira do mês de outubro, às dezenove horas com a reza de um Pai Nosso. Em seguida, a banda entoa músicas fazendo referências ao início do evento e a tomada da rua pela Irmandade. Daí desloca-se até a Igreja onde realiza uma missa, marcando o início das atividades festivas do mês.

A missa, celebrada na Igreja, somente em seu momento inicial e final faz referências diretas ao Congado, sendo que a maior parte da celebração segue no sentido completamente contrário à festividade. Nem a primeira leitura, nem o evangelho (e seus comentários pelo padre) ou as preces - momentos da missa que fogem do rito comum de todos os dias - costumam fazer alusões ao grupo ou à N. S. do Rosário. A irmandade durante o momento “oficial” da missa também não se “manifesta” nenhuma vez. Somente após a benção final o grupo pode fazer suas cantorias e realizar algumas embaixadas, isto

dentro da Igreja junto às pessoas que ainda lá permanecem, que geralmente é em número considerável.

Ao sair da Igreja o grupo realiza, ao performar através de danças, alguns desenhos espaciais em seu pátio. A banda ao deixar este local segue em cortejo até a casa de Seu Dola e posteriormente até a de Seu Zeca. Ao finalizar o evento o grupo reza um Pai Nosso e uma Ave Maria e entoa músicas que fazem referências à finalização do evento. Por toda a semana seguinte a novena continua realizando celebrações na Igreja, até a chegada do dia da “grande festa”.

O levantamento do mastro

Os eventos da Festa do Rosário propriamente dita iniciam-se em frente à Casa de Seu Zeca às dezenove horas do sábado em que se completa a novena. As primeiras músicas entoadas têm dizeres relativos à tomada do espaço da rua pelo grupo: "Virgem do Rosário, esta banda é sua... Pois me dá licença d'eu sair na rua". A banda, ainda à paisana, toma o espaço da rua e inicia o ritual festivo em torno da figura de N. S. do Rosário.

Da casa de Seu Zeca o grupo começa a deslocar-se espacialmente pelas ruas do distrito a fim de montar o cenário da festa. Vai atrás do mastro e da bandeira na casa do Reinado Festeiro para que possa na parte da frente da Igreja ambientar um dos momentos considerados como ápices do primeiro dia da festa. Neste percurso são entoadas cantorias que indicam que chegou o dia de se festejar a Senhora do Rosário: “Hoje é dia, hoje é dia, hoje é dia do Rosário de Maria”. Este primeiro deslocamento tem como ponto final a casa da Princesa que repassa a Coroa no dia seguinte, nesta casa se apanha a bandeira que é

colocada no mastro levantado em frente à Igreja. Da casa da Princesa, o grupo segue em cortejo até a casa do Príncipe para apanhar o mastro a ser erguido na frente da Igreja.

Deste local o grupo segue até a Igreja. Com a aproximação da Irmandade, o sino soa anunciando a chegada da banda para o início da celebração. Na Igreja, a celebração se anuncia como festejo da Igreja para N. S. do Rosário, embora após a entrada do grupo de Congado não haja durante toda a missa uma só manifestação da banda, nem mesmo as cantorias são realizadas por eles. Somente ao final da missa alguns aspectos dos Congados ficam mais evidentes, com algumas cantorias sendo entoadas pelo grupo e algumas falas sendo proferidas pelos de maior hierarquia na festa.

É na retomada do espaço da rua que o Congado passa a ter novamente seu contorno festivo de exaltação, o levantamento do mastro marca esta volta ao momento festivo em que o grupo usa de seus tambores para celebrar N. S. do Rosário. A celebração na Igreja é apenas o início da noite. Após o levantamento do mastro, o grupo de Congado desloca-se da Igreja rumo à casa de alguns dos componentes do Reinado Festeiro. Ao passar pela casa destas pessoas, a festa através das cantorias narra e comunica para aqueles que vão acompanhando o evento os sentidos dos movimentos realizados e o roteiro da festa que se efetiva ritualmente. Os dizeres da música entoada num trecho em frente à casa da Rainha Festeira dão pistas de como a música funciona enquanto instrumento de narração do ritual festivo: “Oh Senhora Rainha, até já, até já, amanhã às duas horas eu volto aqui pra te buscar.” A fotografia da página seguinte ilustra parte do ritual de levantamento do mastro.



Levantamento do mastro durante a Festa do Rosário do ano de 2007

Após visitar a rua em que moram os Reis Festeiros do último ano, a banda segue até a casa dos Reis Festeiros anteriores aos que já haviam sido visitados. Tradicionalmente estas figuras da hierarquia da festa, na madrugada de sábado para domingo e pela manhã, fornecem alimentos para os membros da Irmandade e a todos aqueles que acompanham a festa. Como em todos os momentos da festa, são refeições muito fartas com grande quantidade e variedade de comida. Como não poderia deixar de ser, a banda possui músicas específicas para explicação deste momento para as pessoas que acompanham a festa e de agradecimento para aqueles que oferecem a refeição: “Deus lhe pague seu café e também sua merenda. Os perigos que houver Nossa Senhora lhe defenda”.

Ao retornar à casa de Seu Zeca a banda começa a anunciar o fim do evento do sábado a noite. Cantam: “Oh entende, oh entendê, Nossa Senhora da Conceição. Acabou a nossa festa, acabou a procissão.” Canta-se também: “A banda vai, vai recolher; com muita alegria olê, lê; com muito prazer.” Esta etapa da festa se finda por volta das duas horas da madrugada. Neste momento grande parte das pessoas se recolhem em suas casas para

repousar um pouco, sobretudo as crianças que participam da banda ou acompanham o evento, os adultos mais jovens costumam permanecer acordados até a alvorada em bares que ficam abertos por toda a noite em função do movimento gerado pela festa. Seu Dola diz não conseguir dormir neste intervalo entre um evento e outro.

A Alvorada

A alvorada, outro momento da festa, inicia-se às quatro horas da manhã. Neste momento a banda geralmente fica desfalcada de grande parte de seus membros e é praticamente inexistente a presença de crianças. Fato relevante neste momento é a elevada proporção de mulheres no evento. Algumas narrativas nos definiram este momento como sendo o que de fato ocorre uma festa das mulheres, já que segundo algumas delas, elas é que têm de sustentar a festa quando os homens se mostravam demasiadamente cansados. Durante a alvorada há maciça presença de mulheres, que com passos bastante extravagantes, grandes deslocamentos em torno da banda e com muito riso marcam seu momento de “visibilidade” na paisagem do Congado.

A alvorada também se inicia a partir da casa de Seu Zeca. De lá o grupo segue até um cruzeiro permanentemente instalado próximo à Igreja e que recebe ornamentação especial para o dia da festa. Neste local, o grupo realiza as primeiras orações do dia fazendo preces para o sucesso da festa e para o bem-estar de todos segundo a benção de N. S. do Rosário. Logo em seguida, o grupo faz no pátio da Igreja uma manifestação anunciando que a festa já está em movimento. A partir daí a banda caminha por grande parte das ruas do Distrito a fim de fazer anúncios sobre o que ocorrerá nas festividades de Nossa Senhora do Rosário.

Este momento é um dos que deixam mais visíveis como a festa é narrada pelo grupo ao festar. As músicas além de comunicarem a programação e os sentidos da festa fazem também descrições sobre o espaço que ela percorre ou num outro tempo e espaço que percorreu. É cantada desde a topografia do distrito até a posição das estrelas do céu, a música que se segue corrobora a questão das anúncias que o grupo faz ao percorrer o distrito pela madrugada: “É de manhã cedo, é de madrugada/ Levanta cedo, missa cantada/ É de manhã cedo, já rompeu aurora/ levanta cedo, é às quinze horas.”

A alvorada termina entre sete e oito horas da manhã, após o grupo tomar um reforçado café na casa dos antigos Reis Festeiros. Neste momento, as pessoas novamente se recolhem para que por volta das onze horas da manhã possam estar recompostas para a última grande etapa da festa.

A grande festa

Este último momento dos rituais festivos celebrantes de Nossa Senhora do Rosário inicia-se com a banda de Congado se dividindo em duas. O grupo se divide entre os que possuem vestimenta rosa e os que possuem vestimenta azul, cores que segundo os participantes da banda representam, respectivamente, a vestimenta e o manto de Nossa Senhora do Rosário. Uma parte do grupo segue até a casa do Rei Festeiro e a outra até a casa da Rainha Festeira, onde é oferecido um almoço por estas figuras da hierarquia da festa. Junto destes participantes da banda seguem os outros participantes da festa e os que assistem, a fanfarra, por exemplo, que sempre costuma participar da festa, segue um destes grupos, o reinado de adolescentes do distrito se divide em rapazes e moças para que cada grupo acompanhe um dos fragmentos da banda de Congado.

Após este almoço a banda segue em cortejo para buscar em suas casas “Princesa Velha” e “Princesa Nova”, “Rainha Velha” e “Rainha Nova”, “Príncipe Velho” e “Príncipe Novo”, “Rei Velho” e “Rei Novo”, que compõe o Reinado Festeiro e que constituem as “peças” de celebração da festa. Os novos “empossados”, ainda sem suas vestimentas de “majestade”, só na Igreja recebem a coroa e a capa de Reis da Festa.

Depois de apanhada todas as figuras necessárias à formação do Reinado, a banda de Congo segue até a Igreja onde se inicia a missa que dará trono ao reinado do novo ano. A missa, que começa por volta das quinze ou em outros anos das dezessete horas, além de manter todos os seus ritos habituais incorpora alguns dos elementos do Congado e conseqüentemente das religiões de orientação afro. Mesmo que em tensionamento com os aspectos apostólico-romanos de orientação européia da Igreja Católica, o grupo de Congado consegue impor as heranças de sua ancestralidade e origem.

Durante a missa a Irmandade entra pelo adro sacro da Igreja com suas cantorias e batuques que transformam os ares instaurados pela religiosidade ocidental. O padre negro substitui o padre branco especialmente no dia da festa, marcando ainda mais a conquista do espaço pelo Congado na Igreja. As embaixadas e músicas de orientação rítmica e de composição africana completam as transformações sofridas pelo espaço católico de origem européia para a instauração do catolicismo popular brasileiro. O Congado faz a festa no palco que monta para si sobre a estrutura que lhe é “oferecida”.

É mais especificamente no fim da missa que a Igreja se torna de fato um espaço do Congado. Embora o grupo tenha ocupado aquele espaço durante todo o momento da missa, é em seu encerramento que a celebração se torna unicamente do Congado. É aí que se realiza a transição de Reinados Festeiros, com a troca de coroa entre os Reis, Rainhas, Príncipes e Princesas antigos e novos. É aí também que os integrantes da banda apanham o

microfone para proferirem suas embaixadas e solicitar que os participantes e acompanhantes da festa sigam as músicas do grupo e respondam aos dizeres por eles propostos.

Após a realização da missa, o grupo novamente em cortejo leva até suas casas o Reinado Festeiro, sendo que no percurso mais uma vez é oferecido lanche aos que participam e aos que assistem à festa. Com os membros do Reinado entregue em suas devidas casas, o grupo retorna até a casa de Seu Zeca e faz cantorias e orações que marcam a finalização da festa. Chega ao fim o calendário de festividades do Congado para o ano.

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adeus, adeus que agora eu vou-me embora... Adeus, adeus que agora eu vou-me embora... essa é a nossa despedida muita gente boa chora... essa é a nossa despedida muita gente boa chora... Adeus, adeus que agora eu vou me embora... Adeus, adeus que agora eu vou me embora... essa é a nossa despedida muita gente boa chora... essa é a nossa despedida muita gente boa chora... essa é a nossa despedida muita gente boa chora... essa é a nossa despedida muita gente boa chora... e você fica com Deus, eu vou com Nossa Senhora... e você fica com Deus, eu vou com Nossa Senhora... (cantiga entoada pelos congadeiros de São José do Triunfo).



Remontar às *chamas do candeeiro* para o desenvolvimento deste trabalho constituiu-se em construção de cena bastante interessante para apreensão das *geo-grafias da memória* estabelecidas no espaço-tempo de São José do Triunfo. A imagem fez bom trânsito entre as memórias e as espacialidades que se transformaram pelos tempos experienciados pelos sujeitos da pesquisa.

O estudo nos revelou que embora seja a Festa do Rosário a grande cimentadora das sociabilidades que se estabelecem no distrito de São José do Triunfo e que dá significação às espacialidades daquele lugar, este evento não se estagnou no tempo. Embora haja esforços de cristalização de momentos vividos pelos sujeitos celebrantes do Congado em determinados objetos espaciais, a festa está naquele lugar em constante movimento no

sentido temporal, moldando novas realidades e configurações espaciais e se adequando às mesmas. Se o lembrar dos festejos do Congado ainda em chão de terra e iluminados por candeeiros traz nostalgia aos celebrantes da festa, festejar sobre o asfalto e sob luz de poste não os faz menos fervorosos ou celebrantes em seus festejos. Como dito, o óleo e querosene que agora alimentam a festa não são mais provenientes dos candeeiros, mas dos combustíveis da memória que alimentam as chamas das (temp)oralidades e das geo-grafias memoriais da Festa de Nossa Senhora do Rosário em São José do Triunfo.



Em meio a estas imagens, sons e movimentos, o estudo nos revelou consistentes inter-relações entre a Festa do Rosário e a configuração espaço-temporal do distrito de São José do Triunfo. A análise das relações de gênero e das questões étnicas - enquanto subjetividades - se fez possível pelas características dialógicas dos instrumentos metodológicos empregados, permitindo emergir nas territorialidades do Congado, o inter-jogo histórico das identidades. Tal metodologia possibilitou a formulação de uma série de materiais, tais como narrativas memoriais e confecção de mapas mentais, que permitiram o

estabelecimento de aproximações entre a Festa de Nossa Senhora do Rosário e o lugar festivo de São José do Triunfo.

Os vínculos entre a Festa do Rosário e o distrito de São José do Triunfo mostraram a força do evento festivo como constituidor de sociabilidades e agregador de memórias comuns que asseguram a história de um lugar. A oralidade e as corporeidades, como instrumentos transmissores de um saber e conjunto de ações, revelaram o poder da ancestralidade no processo de territorialização dos povos negros em espaços brasileiros. Pudemos perceber como na Irmandade de Negros de São José do Triunfo a negritude se constitui como elemento de mediação na constituição de uma dinâmica de vida que, embora com grande poder de mutação, consegue manter e rearranjar elementos de um passado comum e um presente conexo.

Ainda neste sentido, as relações étnico-raciais e de gênero mostraram como as espacialidades festivas do Congado de São José do Triunfo ao longo dos tempos se produziram a partir das hierarquizações formuladas nestas relações, confirmadas nas diversas materialidades dispostas nos acúmulos das paisagens daquele distrito e dinamizadas nas relações que historicamente estabeleceram o simbólico manifestado nos lugares da Irmandade de Negros de Nossa Senhora do Rosário de São José do Triunfo. Homens e mulheres, negros e não-negros, jovens e velhos, criaram, em suas vivências, tessituras que construíram uma memória capaz de fortalecer a história de um lugar que se constitui a partir das lembranças de vidas e de resistências, de lutas e conquistas, de duros cotidianos e de grandiosas festas.

A Festa do Rosário se revelou, pois, como um território encantado por vivências que textualiza a história dos povos negros na cidade de Viçosa, que, embora não encerre toda a multiplicidade de constituição de lugares destes povos nesta terra, muito diz sobre

sua dinâmica. As escritas espaciais identificadas, mais do que ressaltar sobre a configuração de um lugar, revelaram, pois, sobre a constituição de lugar e construção de um espaço.

Para mim, enquanto iniciante no universo da pesquisa científica, vivenciar esta realidade permitiu vislumbrar o quanto as lentes da ciência podem contribuir em minhas leituras de mundo e em minhas formulações de posturas ante a realidade. Onde, no resguardo dos deslumbres comuns aos que acessam estes instrumentos, eu pude entrever o quanto de potencial libertador, no inter-jogo de poderes, a instituição científica permite. Em termos diretos, falo da descoberta da magia do conhecimento no desvendamento do mundo e de suas possibilidades de condução à transformação das durezas e contradições da realidade.

O instrumental metodológico utilizado na pesquisa permitiu que eu entrasse em contato com uma série de tomadas de medidas do mundo que durante longo período de minha graduação fiquei alheio. O desenvolvimento de metodologias participativas no trabalho de campo e a utilização procedimentos pautados na comunicabilidade com os sujeitos da pesquisa, revelaram um campo bastante instigador para a reflexão e rearranjos nas formas de buscar apreender as espacialidades humanas. A inseparabilidade entre teoria e prática na compreensão dos lugares foi outro ensinamento da pesquisa, o desenrolar da investigação se encarregou de mostrar-me como o apoio na teoria enriquece o olhar sobre a prática e como a teoria padece da prática para possuir valor na contribuição do entendimento do mundo.

Lugar, festa, memória, gênero, etnia, foram, dessa maneira, alicerces para que eu pudesse apreender como o distrito de São José do Triunfo se constitui em espaço matizado de histórias que, quando celebrado pelos festejos de Nossa Senhora do Rosário, se constitui

num lugar festivo, aquele em que a Irmandade de Negros do distrito escreve suas histórias em espaços, e que permite que suas geografias perdurem no tempo; criando *geo-grafias memoriais*.

8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. Ouvir contar: textos em história Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. Território negro em espaço branco: estudo antropológico de Vila Bela. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BORGES, José Marcondes; SABIONE, Gustavo Soares. Primeiros Tempos da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa: Ed. UFV, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.2, n. 20, p. 133-177, jul./dez. 1995.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOPES, Guacira (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151-172.
- BUTLER, Judith. Sujeito do sexo/gênero/desejo. In: _____. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 15-75.
- CARLOS, Ana Fani A. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CÔRREA, Aureanice de Mello. Não acredito em deuses que não saibam dançar: a festa do candomblé, território encarnador da cultura. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs). Geografia: temas sobre espaço e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 141-172.
- FERNANDES, Nelson da Nobrega. Geografia Cultural, Festa e Cultura Popular: limites do passado e possibilidades do presente. Espaço e Cultura, v. 15, p. 23-32, 2003.
- FERREIRA, Luiz Felipe. O lugar festivo – a festa como essência espaço-temporal dos lugares. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 15, p. 7-21, jan./jun. 2003.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. 17 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GENGIBRE. Produção do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura Popular Brasileira. Viçosa: Gengibre, 2006. 1 CD (17 min.), son., col.
- GIACALONE, Fiorella. Festa e percursos da educação intercultural. In: FLEURI, Reinaldo Matias (org.). Intercultura e movimentos sociais. Florianópolis: Mover, NUP, 1998. p. 127-145.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 12 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

LAMAS, F. G; SARAIVA, L. F.; ALMICO, R. C. S. A Zona da Mata Mineira: Subsídios para uma historiografia. Disponível em: www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_09.pdf> Acesso em: 08 maio 2007.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares: proposições sobre festas brasileiras. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs). Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 191-218.

MARTINS, José de Souza. Tempo e Linguagem nas Lutas do Campo. In: _____. A chegada do estranho. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 27-59.

MARTINS, Leda Maria. Afrografias da Memória: O Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Leda Maria. A oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). Brasil afro-brasileiro. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 61-86.

NETTO, Antônio Garcia de Miranda *et. al.* Dicionário de ciências sociais. Rio de Janeiro: FGV, 1986.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Projeto História, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. Viçosa - Mudanças Sociais e Socioculturais; evolução Histórica e tendências. Viçosa: Imprensa Universitária, 1990.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, V. 5, n.10. p. 200-212, 1992.

RAFESTIN, Claude. Raças, etnias e poder. In: _____. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993. p. 130-139.

RATTS, Alecsandro J.P. A geografia entre aldeias e quilombos: territórios etnicamente diferenciados. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, Alecsandro J.P. (orgs.) Geografia: leituras culturais. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 29-48.

ROBERTO, Andréa de Paula. A Festa de Nossa Senhora do Rosário no Serro, Minas Gerais: a reinvenção de uma tradição. 2000. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4 ed. São Paulo: EdUSP, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade, Porto de Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SEEMANN, Jörn. Mapeando culturas e espaços: uma revisão para a geografia cultural no Brasil. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, Alecsandro J.P. (orgs.) Geografia: leituras culturais. Goiânia: Alternativa, 2003b. p. 261-284.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Observação participante e escrita etnográfica. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). Brasil afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.

SOUZA, Marina de Mello. Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de rei congo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

VON SIMSOM, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da Unicamp. Disponível em: <www.lite.fae.unicamo.br/revista/vonsimsom.html> Acesso em: 17 nov. 2008.

9- ANEXOS